

Funai estuda modelo econômico para o índio

Padre defende a ação comum em tribos indígenas

Da Sucursal de
BRASILIA

Desde segunda-feira, a Fundação Nacional do Índio — Funai — e representantes das várias missões religiosas que atuam junto a grupos indígenas do Brasil tentam, em Brasília, traçar uma linha comum de trabalho nas aldeias. Para o padre Antonio Iasi, jesuíta chefe da Missão Anchieta, em Mato Grosso, será uma tarefa árdua, como acentua na entrevista abaixo.

P — Como poderia ser estruturada uma ação conjunta Funai-Missões Religiosas?

R — A única possibilidade de se conseguir isso seria através de um diálogo sem reticências entre a Funai e as missões e uma mudança de mentalidade das pessoas responsáveis pela aplicação da política indigenista brasileira, que atualmente é desumana. O índio é considerado como um estorvo à política de desenvolvimento do País, especialmente na Amazônia, e não é respeitado como ser humano. Este seminário é uma prova concreta da falta de disposição da Funai de discutir abertamente seus erros e propor um maior entrosamento com as missões. Hoje, por exemplo, perguntamos o que a Funai pensa do problema dos índios nhamikawara, que estão sendo transferidos em decorrências de interesses de empresários do Sul do País do Vale do Guaporé para uma reserva que não possibilita aos índios uma vida decente. Um alto funcionário do órgão afirmou que desconhecia o problema. Diante disso, fomos obrigados a abandonar os debates, pois realmente não existe disposição por parte da Funai de ir ao fundo dos problemas. A Funai sofre profundamente pressões de grupos econômicos interessados em investir em áreas indígenas, especialmente na Amazônia e ao mesmo tempo enfrenta o impasse de estar vinculada a um Ministério que cuida diretamente dos interesses dos empresários, liberando incentivos fiscais através da Sudam e Sudene para a implantação de grandes projetos agropecuários e industriais na Amazônia. Disso tudo nós sabemos, mas então por que a Funai não apresenta a sua realidade, preferindo escondê-la atrás de programas de assistência que pouco contribuem para resolver o problema do índio?

Acredito que somente a partir de uma radical mudança de mentalidade, quando o índio, ao invés de ser considerado um entrave ao desenvolvimento, passar a ser encarado como verdadeiro dono das terras que habita há séculos, é que o Brasil poderá adotar uma política indigenista realmente humana.

P — Quais as diretrizes que norteiam o trabalho das missões religiosas junto aos gru-

pos indígenas? Está havendo realmente uma mudança de mentalidade com relação à catequese ou essa transformação é sentida apenas numa minoria?

R — O trabalho das missões católicas em todo o mundo foi profundamente transformado a partir da Encíclica "Ad-Genes", que determinou uma atitude de todos os missionários de maior respeito às culturas tribais. Realmente, no passado, cometemos o grande erro de tentar impor nossas crenças religiosas aos índios, desconhecendo seu sistema de valores. Isso contribuiu para a eclosão de vários problemas no meio tribal. Hoje em dia, depois de estudar e questionar nossos métodos, achamos que a revelação da existência de Deus se manifesta em todo ser humano, de várias formas e, no caso do índio, que é profundamente místico, ela está presente em todos os seus atos. Nossa missão agora é estudar, cada vez mais, as culturas indígenas para descobrirmos nelas a semente divina. Essa modificação está sendo sentida não só entre os missionários católicos, mas também nos protestantes, que estão fazendo uma revisão de seu trabalho junto aos grupos primitivos.

P — Existe uma real dissidência entre a Funai e missões religiosas?

R — Não existe propriamente uma dissidência, mas até agora o que aconteceu é que os responsáveis pela aplicação da política indigenista brasileira não levaram em conta as decisões do I.º Simposio do Indigenismo, realizado em Brasília, quando foi recomendado um maior entrosamento das entidades responsáveis pela assistência ao índio no Brasil. No caso especial da Missão Anchieta, não podemos reclamar de uma maior assistência da Funai, mas, quando nos manifestamos em diversas reuniões, tentamos levantar o problema de outras missões católicas e protestantes que não contam com qualquer apoio da Funai. O problema maior é que a Funai, quando recebe críticas de determinados missionários, em represália, passa a desconhecer o trabalho dessa missão. Por isso, muitos religiosos têm medo de manifestar sua opinião sobre a política indigenista. A Missão Anchieta é considerada como modelo pela Funai, daí a nossa responsabilidade de falar muitas vezes em nome de outros indigenistas católicos. De algum tempo para cá, a Funai está tentando se aproximar mais da gente, mas acho estranho que isso esteja ocorrendo agora, no final do governo. Na gestão anterior à do atual presidente da Funai, general Bandeira de Mello, os missionários estiveram reunidos com os técnicos da Funai e, naquela ocasião, procuramos traçar uma linha de ação comum junto aos índios.

No entanto, a nova direção da Funai assumiu em 1968 e, a partir daí, desconhecemos todo o trabalho que iniciamos. Realmente, a Fundação Nacional do Índio não tem tido uma linha constante de atuação e suas atividades são pautadas de acordo com os interesses mais imediatos da política desenvolvimentista brasileira. Por este motivo, duvidamos de que as resoluções saídas desse encontro possam ter continuidade no próximo governo, pois a experiência tem nos comprovado que os interesses tem gritado, até agora, mais alto do que a real proteção ao índio no Brasil.

P — Foi divulgada em um jornal uma afirmação sua de que as pessoas presentes a este encontro, na verdade, são turistas, que pouco entendem do problema indígena.

R — O reporter interpretou mal o meu pensamento. O que eu quis dizer é que não adianta a Funai nos apresentar uma realidade distorcida do problema indígena, pois nós, missionários, vivemos o dia a dia com o índio e mais que ninguém sabemos dimensionar as deficiências que existem no trabalho da Funai. Afirmai, então, que, se estivessem presentes "turistas" nesse seminário, eles talvez pudessem acreditar em várias afirmações feitas por dirigentes da Funai, que sempre procuram esconder a verdade, mas de nada adianta apresentar para nós uma situação fantasiosa, já que conhecemos de perto o índio brasileiro. Em suma, o que a Funai precisa é de ter maior humildade para aceitar suas deficiências e procurar corrigi-las a tempo, enquanto ainda existem grupos indígenas no Brasil.



Telefoto "Estado"

Padre Iasi: a Funai precisa se definir

Da Sucursal de Brasília

A Funai está estudando a criação de um modelo econômico compatível e adaptável à realidade indigenista brasileira, através da troca de "know how" entre os técnicos em planejamento comunitário da Funai, elementos que lidam diretamente com os índios — "conhecedores das necessidades sócio-culturais da comunidade". Essa afirmação foi feita ontem, durante o Seminário Funai-Missões Religiosas, em Brasília, pelo diretor do Departamento de Patrimônio Indígena da Funai, Sérgio Pery Gomes.

Ele disse que este tipo de planejamento deverá ser integrado entre as diversas funções a serem desenvolvidas pela comunidade, envolvendo economistas, sociólogos, antropólogos, médicos e urbanistas. Uma primeira tentativa nesse sentido será realizada brevemente na região habitada pelos índios kadiwéus, em Mato Grosso, onde já está se realizando o levantamento socio-econômico da comunidade indígena.

Com essa nova filosofia de trabalho — afirmou — "pretendemos que o índio, no futuro, se emancipe, sendo necessário para isso que ele tenha habilitação para o exercício de atividade útil na sociedade civil e razoável compreensão dos usos e costumes da sociedade nacional". "Dentro de um sistema capitalista como o nosso — continuou — haverá necessidade de que o índio entenda, também, o sentido dessa nossa sociedade de consumo, e isso poderá ser feito através de sua participação efetiva nas atividades econômicas projetadas pela Funai, visando ao entendimento dos anseios da comunidade indígena".

"Não podemos adotar diante do índio uma atitude paternalista — afirmou — mas moti-

nal junto às comunidades indígenas, foram marcadas pela advertência dos antropólogos e missionários no sentido de que a Funai não desconheça a estrutura tribal nos projetos econômicos que pretende implantar em vários grupos indígenas. "Não podemos esquecer", afirmou o etnólogo Carlos Moreira Neto, do Conselho Nacional de Pesquisa — que o índio, vive numa comunidade não competitiva, onde todos tem sua função estabelecida. O sistema econômico ideal para os grupos indígenas deveria estar baseado em cooperativas, com a participação de todos os indivíduos, para evitar que uns comecem a acumular riquezas mais que outros, o que desencadearia a total desagregação tribal. Nos Estados Unidos ocorreu este problema e agora estamos preocupados, pois o Brasil passa atualmente por uma febre desenvolvimentista que pode estar influenciando maleficamente a Funai. Não podemos adotar medidas que normalmente dariam certo numa sociedade como a nossa, indiscriminadamente, nas comunidades indígenas, pois realmente trata-se de uma outra estrutura social, que precisa ser respeitada".

ra social, que precisa ser respeitada".

O etnólogo contou que nos Estados Unidos os índios que começaram a acumular riquezas pessoais, tornaram-se "progressistas", e em pouco tempo abandonaram valores fundamentais para a coesão dos grupos. "Devese evitar a todo o custo o incentivo do patrimônio pessoal entre os índios, pois a partir do ponto que eles passam a adotar uma posição competitiva o grupo se destrói. Uns poucos conseguem ter acesso à sociedade envolvente e a grande massa fica marginalizada, vivendo um terrível problema: não são mais índios nem são aceitos pelo mundo branco".

OS MISSIONÁRIOS

Alguns missionários afirmaram ontem que será muito difícil chegar-se a um ponto comum com a Funai sobre projetos econômicos em áreas indígenas. "Os técnicos da Funai estão preocupados com o desenvolvimento econômico das tribos e estudos modelos adaptáveis à realidade indígena, mas nós não conseguimos abandonar nossa visão de an-

tropólogos, diante da problemática indígena. Em se tratando dessas comunidades, não podemos jamais esquecer que modelos econômicos que deram bons resultados em nossa sociedade precisam ser tratados com muito cuidado caso se pretenda adotá-los junto aos índios".

Os missionários questionaram longamente os dirigentes da Funai sobre o problema das reservas, afirmando que a maioria delas não tem sido respeitada. Alguns missionários pediram explicações sobre a transferência de índios nhamikawaras do vale do Guaporé, em Mato Grosso, para uma reserva no mesmo Estado. Segundo os padres, vários índios já morreram, pois a nova área, ao contrário da anterior, não é fértil, e os índios não têm recebido qualquer assistência da Funai. Os dirigentes do órgão afirmaram que desconheciam o problema, o que irritou alguns missionários, que se retiraram do plenário depois de afirmar ser "profundamente lamentável que a alta cúpula da Funai desconheça um problema sério como o dos nhamikawaras".

Jornal da Bahia

Encontra-se à venda nas seguintes bancas:

EM FRENTE AO CINE IPIRANGA

Esq. com Av. São João

EM FRENTE AO CORREIO

Esq. com Av. São João